



**Centro Universitário de Brasília –
UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e
Ciências Aplicadas - FATECS**

RAUL DE LIMA

TRANSFORMA – proposta audiovisual para o youtube com responsabilidade social

BRASÍLIA

2015

RAUL DE LIMA

TRANSFORMA - proposta audiovisual para o youtube com responsabilidade social

Memorial teórico apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Aplicadas como requisito para obtenção do grau de tecnólogo em Produção Audiovisual no Centro Universitário de Brasília – UniCeub.

Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA

2015

RAUL DE LIMA

TRANSFORMA - proposta audiovisual para o youtube com responsabilidade social

Memorial teórico apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Aplicadas como requisito para obtenção do grau de tecnólogo em Produção Audiovisual no Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, 27 de novembro de 2015

Banca examinadora

Professor Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Professora Carolina Assunção
Examinador

Professora Ana Valéria Machado
Examinador

“A fotografia é verdade. O cinema é verdade vinte e quatro vezes por segundo.”

Jean-Luc Godard

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer o papel do outro em uma conquista, uma fase e uma etapa em processo como o TRANSFORMA. Exercer a gratidão por cada apoio, mesmo que em diferentes níveis, por cada pessoa que me inspirou e motivou esse projeto a ser mais do que apenas um trabalho de conclusão de curso, mas uma possibilidade de renovar a esperança para um lugar mais real, concreto e transformador.

A identidade visual do transforma não seria tão pessoal e feito com tanto cuidado se não fosse pela designer Giovana Cyrino, que à mão escreveu o nome de todos os entrevistados e a logo do canal, além de pensar na disposição gráfica de cada inserção de dados nos vídeos. Além de colaborar como um refúgio seguro 24 horas para manter o projeto seguindo, incentivando e oferecendo opiniões importantes para cada episódio.

Os valores do canal não são apenas minha percepção do mundo, mas a percepção da minha história, do meu lar, do meu berço, que é minha maior referência: minha mãe. Serei sempre grato pelo apoio financeiro e emocional aos meus projetos, ao meu futuro. Futuro esse que espero contar com as minhas amigas da mesma maneira que hoje aos nos vemos como irmãos que a vida trouxe.

João virou sinônimo de amor. Um sentimento raro, mas perceptível para quem já amou antes. Presente do presente. Presente para construir um possível futuro.

O principal agradecimento desse projeto é ao professor Luiz Cláudio, que desde a disciplina de documentário, me fez questionar o papel social da comunicação e qual é nossa postura como comunicadores perante à sociedade. São as visões políticas, o otimismo com o mundo e o desejo de transformar as desigualdades que o fazem uma referência fundamental na minha formação como produtor audiovisual. Espero um dia poder me tornar um mestre tão inspirador quanto.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar uma nova proposta de canal para a plataforma *Youtube*. O trabalho aponta, principalmente, a relevância de uma produção audiovisual abordar temas importantes, porém, muitas vezes, tidos como tabus. Resgatou-se conceitos a teoria da comunicação, como o agenda setting para contextualizar o desenvolvimento de produtos audiovisuais com cunho social se contrapondo à indústria de massa e a influência do mesmo. A discussão também percorre conceitos sociais e efeitos cognitivos desta arte, além das teorias do cinema. Para melhor compreender o cenário atual das produções de vídeo, procurou-se apresentar mudanças tecnológicas e comportamentais, ditas pós-modernas, para abranger as novas posturas do público e diferentes veículos que as obras audiovisuais são exibidas, como, por exemplo, os sites de vídeos e as redes sociais. O memorial baseou-se em obras bibliográficas e documentais para justificar a criação do canal TRANSFORMA. Ao final, constatou-se que a atualização constante da indústria do entretenimento infere no papel social da sétima arte e ainda como as redes sociais atuam na propagação de conteúdo e reformulam a estrutura clássica da comunicação consolidada pela hierarquia dos grandes veículos.

Palavras-chave: Audiovisual, impacto social, documentário, *Youtube*.

ABSTRACT

This final project's goal is to present a new proposal of youtube channel. The work points out, mainly, to the relevance of an audiovisual production when approaching important themes that are often considered to be a taboo. Some communication theories were used, such as agenda setting in order to contextualize the development of audiovisual products concerned about it's social role, therefore opposing to the mass industry and its influence. The discussion also contemplates social concepts and the cognitive effects of this art, besides cinema theories. For better understanding the current scenario of video productions, it was presented the technological and behavior changes, called post modern, to gather the new public stand and the different medias audiovisual works are being shown, such as video websites and social networks. The written part is based on bibliographical and documental works to justify the creation of a youtube channel called TRANSFORMA. At the end, it was concluded that the constant update that goes on at the entertainment industry infers on the social role of the seventh art and also how the social networks also affect the content reach and force a new structure to the classical and hierarchical communication system of the main vehicles.

Key words: Audiovisual, social impact, documentary, Youtube.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 <i>Justificativa</i>	10
1.2 <i>Objetivos</i>	11
1.2.1 Objetivo geral	11
1.2.2 Objetivos específicos	11
2 DOCUMENTÁRIO	12
3 PAPEL DA COMUNICAÇÃO	15
4 A PLATAFORMA VIRTUAL	18
5 DIÁRIO DE BORDO	22
CONCLUSÃO	25

1. INTRODUÇÃO

O cinema é uma arte que caminhou junto com as transformações tecnológicas e sociais. Os filmes marcam gerações, pautam comportamentos por todo o globo e arrancam suspiros nos enredos românticos. A tela é uma ferramenta política e social, mas que se disfarça como entretenimento no nosso dia a dia. A determinação da tela em si passa por constantes mudanças com a evolução dos dispositivos móveis e inovações tecnológicas. Segundo Jean-Claude Bernardet, o cinema é a arte da ilusão, também conhecida como impressão da realidade. No século XIX, os irmãos Lumière fizeram a primeira exibição pública do cinema e desde então, a arte com mais de um século acompanha a pós-modernidade em diversos segmentos.

Apesar de ser, às vezes, uma fuga da realidade, o setor cinematográfico dissemina valores estéticos e sociais justamente se aproximando do real e influenciando cada espectador. Os filmes auxiliam na propagação de conteúdos, que podem muitas vezes dar voz às minorias e ressaltar mazelas sociais, exercendo uma função política além da arrecadação de bilheteria ou número de visualizações. Para Andrew (2002), o caminho cinematográfico percorreu etapas de naturais de análise do meio até compreender um caminho final, inevitável.

A história do cinema mostra uma propulsão inelutável de (estágio um) brincadeira com insignificâncias visuais para (estágio dois) o desempenho de importantes funções na sociedade, como educação e informação, e finalmente, através de sua afinidade natural com a narrativa, para seu verdadeiro domínio (estágio três) a mente humana.(ANDREW, 2002, p. 26).

O público que frequenta o cinema tem reduzido cada vez mais, contudo o alcance de um filme, não. A internet atua como catalisador para atingir novos públicos e disseminar as produções audiovisuais como um todo. Exemplo disso são as redes *streaming*, como *Netflix*, mas também sem ignorar o cenário de forte influência de outras plataformas como *youtube*, *Vimeo* e até *Facebook*. Com o uso crescente dessas redes, a desterritorialização, cada vez mais constante na sociedade por conta da globalização, se intensifica e aproxima os públicos de diferentes partes do globo. Uma das plataformas mais conhecidas é o *Netflix*, que em 2015, registrou mais de 44 milhões de usuários em 41 países. Já o *Youtube*, plataforma conhecida por hospedar vídeos, conta com mais de um bilhão de usuários, por isso é uma ferramenta de extrema importância nas produções de audiovisual hoje em dia e para este trabalho.

A criação de um canal para o *Youtube*, que foca em transformações, surge com o principal intuito de empoderamento de grupos segregados socialmente, além de enaltecer

iniciativas e pessoas transformadoras, focando na mudança como ferramenta social. Uma pesquisa realizada em 2015 pela F/Nazca em parceria com o Data Folha aponta que 58% dos internautas acreditam que as redes auxiliam a transformar a opinião sobre problemas sociais. A pesquisa da F/Nazca demonstra ainda que a noção de pertencimento é um valor importante e ele pode vir pelo pertencimento virtual ao compartilhar um vídeo, assinar uma lista em prol de um movimento, compartilhar um link ou criar conteúdo visando mobilização social.

O trabalho foi filmado majoritariamente em Brasília, mas parte das gravações aconteceu em São Paulo, com as personagens Nana Queiroz no vídeo sobre os presídios femininos brasileiros e com Deborah Baldin no vídeo sobre empoderamento feminino. Uma das partes do vídeo sobre discriminação por orientação sexual foi gravada no Rio de Janeiro e contou com a participação do Oliver Costa e no vídeo sobre papel político da cultura contou com a participação do Igor Furtado.

A opção em gravar o projeto em uma série de vídeos foi uma alternativa para contemplar diferentes temas, agregados pelo eixo central, que é a palavra transforma, e não ter um só produto longo, que pudesse divergir da linguagem predominante na internet, com materiais mais curtos. Contudo, a linguagem se diferencia de canais típicos da plataforma *Youtube*, pois o autor optou em não aparecer nos vídeos, evitando qualquer tipo de apropriação de fala ou que a história não fosse protagonista.

A partir dessas histórias, o canal tem como objetivo apontar transformações importantes para a sociedade e promover conscientização ou mobilização para temas muitas vezes ignorados pela grande mídia. Temas de grupos marginais e invisíveis. São utilizadas técnicas do audiovisual para produção dos episódios, desde a captação até a edição. A linguagem se aproxima do documentário, por isso é importante a definição do mesmo no memorial teórico. Há uma discussão sobre qual área o documentário se aproxima mais, seja jornalismo ou audiovisual, portanto alguns autores do memorial são do jornalismo, mas defendem esse grande guarda chuva que é a comunicação ao ter vários segmentos com características semelhantes.

1.1 Justificativa

Tendo como tema uma série de vídeos para o canal Transforma, o pesquisador optou ressaltar temas que visam exercer uma função social. Quebrando o intuito comercial majoritário presente na indústria ou da linha de humor tão frequente na plataforma escolhida, o *Youtube*.

O crescimento das redes de *streaming* e aumento do número de usuários das redes sociais também permeia a pesquisa, pois é uma das principais mudanças no setor audiovisual e do público. A escolha dos temas de cada episódio visa promover o debate dentro e fora do espaço virtual, apostando no diálogo como uma peça chave para o ativismo digital.

Entender o papel das novas mídias como o futuro da comunicação é fundamental para não perder o otimismo, principalmente, por ser nessas plataformas que a voz não precisa estar veiculada a nenhum tipo de hierarquia empresarial.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Apresentar um novo canal para abordar temas sociais.

1.2.2 Objetivos específicos

- Compreender o papel social do audiovisual em uma rede globalizada.
- Apontar a relevância das redes sociais como agente social.
- Produzir uma série de sete vídeos para o canal Transforma.

2 DOCUMENTÁRIO

O gênero documentário surge com o objetivo de retratar a verdade e dessa forma, se opondo ao cinema ficcional. Segundo Nichols (2007), cria duas categorias para os filmes: os de ficção satisfazem os desejos enquanto os documentários são a representação do real. A dificuldade em encaixar nesses dois polos de Nichols qualquer produção audiovisual é afirmada pelo livro “Espelho partido: tradição e transformação do documentário cinematográfico” em que Da-rin (2004) afirma “os filmes denominados documentários apresentam uma grande diversidade, seja temática, estilística, técnica ou metodológica, dificultando sobremaneira a formulação de modelos e sua categorização.

Xavier (2005) defende que o que faz um tipo, no sentido de categoria, não é relacionado só a qualidade ou a simples existência, mas sim, as determinantes humanas e sociais essenciais presentes no alto nível de desenvolvimento, contemplando as possibilidades latentes da obra e a apresentação de extremos.

Todo grande período histórico é um período de transição, uma contraditória unidade de crise e renovação, de destruição e renascimento; uma nova ordem social e um novo tipo de homem surgem no bojo de um processo unificado embora contraditório. O ‘tipo’ pela sua ação e pela sua representação do mundo define as possibilidades concretas e a consciência possível (usando a noção de Lucien Goldman) próprias ao grupo ou à classe social a que ele pertence. E, portanto, revela o que há de essencial no processo social que define o movimento do real. (XAVIER, 2005, p.60).

Em um artigo de Carvalho (2006), a autora ressalva o valor na escolha do tema referente à política, esferas sociais, cultura, ciência, economia e história: o documentário pode reconstituir ou analisar assuntos contemporâneos de nosso mundo histórico vistos por uma perspectiva crítica”. Ainda sobre o gênero, Nichols (2007) aponta para como nós vemos o mundo de maneira fílmica e são essas visões que colocam para a sociedade questões pertinentes à ela e atualidades, problemas contemporâneos e possíveis soluções.

Para Nichols (2007), existem seis categorias de documentário: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. As representações de cada obra surgem da percepção dos diretores, roteiristas e quaisquer profissionais envolvidos na produção.

Nichols (2007) relaciona o documentário poético com a vanguarda modernista, que promove formas alternativas de conhecimento. A poesia ressalta aspectos como tom e afeto em vez de demonstrações de conhecimento, podendo correr o risco do abstrato em demasia.

O modo poético começou alinhado com o modernismo, como uma forma de representar a realidade em uma série de fragmentos, impressões subjetivas, atos incoerentes e associações vagas. Essas características foram muitas vezes atribuídas às transformações da industrialização, em geral, e aos efeitos da Primeira Guerra Mundial em particular. (NICHOLS, 2007, p. 140)

Já o expositivo reúne fragmentos históricos em uma estrutura argumentativa. Neste gênero, as vozes recontam histórias baseadas na retórica. Para Nichols (2007), o que difere do cinema tradicionalista é a forma de expor as imagens, pois elas são ilustração do que é dito, exercendo um papel secundário. Esse tipo é ideal para transmitir informações. Se há presença do narrador, majoritariamente um homem, ele usa um tom de distância, neutralidade, indiferença e onisciência.

A sensação de duração real dos acontecimentos se encaixa no tipo observativo, principalmente pela não intervenção de efeitos ou trilha sonora, sem narração e legenda e até sem entrevistas. Nichols (2007) atribui o advento desse gênero com as transições tecnológicas, que permitiram mais mobilidade com equipamento. A observação difere das formas de controle que um cineasta possui no tipo poético ou expositivo sob a composição da cena.

Os filmes observativos mostram uma força especial ao dar uma ideia da duração real dos acontecimentos. Eles rompem com o ritmo dramático dos filmes de ficção convencionais e com a montagem, às vezes, apressada, das imagens que sustentam os documentários expositivos ou poéticos. (NICHOLS, 2007, p.149).

O debate ético no observativo é intenso e questiona a responsabilidade do cineasta em obter ou não consentimento para os participantes do filme. Quando pensa-se na hipótese de documentar o comportamento das pessoas, pode trazer uma reação inversa à natureza do local, e se distanciar do propósito científico.

O modelo participativo tem uma palavra chave: interação. O cineasta não se prende à posição atrás da câmara, mas participa da ação que ocorre em frente à lente. Ela pode ter uma relação mais forma, como em uma entrevista. Ainda segundo Nichols (2007), as entrevistas são uma forma distinta de encontro social.

O modelo reflexivo exige do diretor a função de ser elo entre o tema e o público que assiste ao documentário. A lógica pode ser desconstruída, sem precisar seguir uma linha de continuidade, desenvolvimento das personagens ou estrutura tradicional narrativa. Um exemplo são as ficções disfarçadas, que reajusta suposições e expectativas sobre a forma do produto de documentário.

De uma perspectiva formal, a reflexão desvia nossa atenção para nossas suposições e expectativas sobre a forma do documentário em si. De uma perspectiva política, a reflexão aponta para nossas suposições e expectativas sobre o mundo que nos cerca. (NICHOLS, 2007, p.166).

Por último, existe o performático, originário de experiências pessoais e representado através da poesia, literatura e retórica. Os significados são íntimos e pode diferenciar com a vivência, memória, envolvimento profissional e os princípios de cada indivíduo. Nesta categoria, para o autor, a performance sublinha a complexidade da nossa compreensão com o mundo ao enfatizar as dimensões subjetiva e afetiva. O resultado disso são estruturas narrativas menos convencionais, livre do real e do imaginário.

3 PAPEL DA COMUNICAÇÃO

Ao pensar na função política de um produto audiovisual, Furhammar (2001) questiona: “é possível definir o efeito político de um filme? Deve ser visto apenas em termo de resultados eleitorais e de mudanças de atitudes, ou deve preencher os itens menos óbvios de satisfação de necessidades políticas e confirmações de atitudes?” (FURHAMMAR, 2001, p. 223)

Um dos principais questionamentos da teoria hipodérmica é qual efeito tem a mídia em uma sociedade de massa? Wolf (2008) defende que “quanto mais as pessoas são expostas a um determinado argumento, mais aumenta seu interesse e, na medida em que este aumenta, mais as pessoas se sentem motivadas para saber mais a seu respeito”. A produção de sete vídeos para o canal transforma tenta ser uma nova plataforma de voz para abordar temas acerca dos direitos humanos e comportamentos sociais, que, para o autor, merecem destaque.

A comunicação é inerente ao homem, as pinturas rupestres já eram consideradas formas de expressão e, junto ao homem, evoluiu até o cenário atual a partir dos fonemas, palavras e escrita. A consequência dessa transformação trouxe socialização, avanço tecnológico e transferência de conhecimento. A tecnologia é uma das principais aliadas da linguagem audiovisual, que, com a expansão da rede mundial de computadores, ganha novas telas para difundir conteúdo. A popularização dos celulares, câmeras e filmadoras influenciou na produção destes conteúdos e auxiliou na transição de mero espectador para produtor da própria mensagem. Em 2014, a *ComScore* estimou 68 milhões de visitantes únicos da internet no Brasil, colocando o país na quinta maior audiência do mundo.

O audiovisual (cinema ou vídeo) é um meio eficaz na mediação do processo de apropriação do conhecimento, porque comporta em sua composição vários elementos de linguagem que propiciam uma compreensão em vários níveis. Assim, podem mais facilmente desencadear associações que levam aos sentidos e aos significados. (FONSECA, 1998, p. 37).

Na emergência da nova comunicação cada vez mais presente na contemporaneidade, Maffesoli (2004) refere ao reencatamento do mundo beneficiado pela tecnologia. A imagem é a estratégia de vínculo social, ou seja, quando nos vemos em vídeos, essa imagem está situada fora e diante de si. Ao ver o outro, nos relacionamos com a dimensão alteritária de nós mesmos. Sodré (2002) denomina como uma nova bios, nova forma de presença do homem no mundo. A consequência de um complexo sistema comunicativo afere na cultura e constrói novas realidades sociais. Por isso, Gurgel (2010), relata que “a mídia é, então, estruturadora

de percepções e cognições, atuando sobre as identidades culturais, a educação, o mundo do trabalho, o exercício de cidadania e a percepção do tempo”. Nessa mesma linha, Martin-Barbero (2003) explica que a comunicação tem papel mediador, portanto é também cultural, pois é uma das funções que a cultura exerce ao participar de um imaginário sugestivo na “nova era do sensível”, que foge da manipulação dos outros veículos e corrobora para uma nova trama cultural com práticas sociais, que constroem nossas representações identitárias.

A cumplicidade e interpenetração entre oralidade cultural e linguagens audiovisuais não remetem – com pretende boa parte de nossos intelectuais e nossos anacrônicos sistemas educativos – nem às ignorâncias, nem aos exotismos do analfabetismo, mas a descentramentos culturais que em nossas sociedades estão produzindo os novos regimes de sentir e de saber, que passa pela imagem catalisada pela televisão e pelo computador. (MARTIN-BARBERO, 2000, p. 84).

A apropriação da linguagem de diversas maneiras definem qual é a relação com tecnologia e os meios de comunicação, pensando além da função instrumental, técnica, mas também como na expressão dos saberes e sentimentos. Na publicação “Audiovisuais: arte, técnica e linguagem” a autora Laura Maria Coutinho (2006), explica que esse tipo de comunicação atinge os sentidos mais importantes do homem, a audição e visão. “Estes são os sentidos mais privilegiados no mundo moderno, pois uma das características da modernidade é o fato de permitir certo afastamento das pessoas do chamado mundo natural ou natureza”. Para Shaw (1979), essa relação de proximidade ou distanciamento da realidade tem a ver com a teoria de *agenda-setting* e que a compreensão das pessoas em relação aos plurais cenários sociais é alterada pelos meios de comunicação de massa.

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público é ciente ou ignora, dá atenção ou descuida, enfatiza ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas tendem a incluir ou excluir dos próprios conhecimentos o que a mídia inclui ou exclui do próprio conteúdo. Além disso, o público tende a conferir ao que ele inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos meios de comunicação de massa aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (SHAW, 1979, p.96)

Os vídeos produzidos para o canal transformam-se e apoiam principalmente em personagens que fazem parte do tema de cada episódio, ou seja, protagonistas das próprias histórias, que, por meio dos depoimentos, propõem uma reflexão acerca de cada temática, independente da agenda de outros veículos. Por isso para Lenvin (2012), o gênero documentário é um campo de discussão de injustiças sociais, já que por meio dele, diversas

vozes, de classes sociais diferentes, representam a oposição da minoria forte e privilegiada contra a maioria fraca e sofrida. Cada temática é uma reflexão do autor sobre a realidade que o cerca, assim como defende Arnheim: “Não mais podemos considerar o processo artístico como uma atividade reservada, misteriosamente inspirada do alto, não relacionada e não relacionável às outras coisas que as pessoas fazem.” (ARNHEIM: 2002, p.42).

4 A PLATAFORMA VIRTUAL

O cenário do audiovisual demanda um olhar mais crítico à função do produto, já que esse é reconfigurado com o surgimento das novas mídias, conforme explana Manovich:

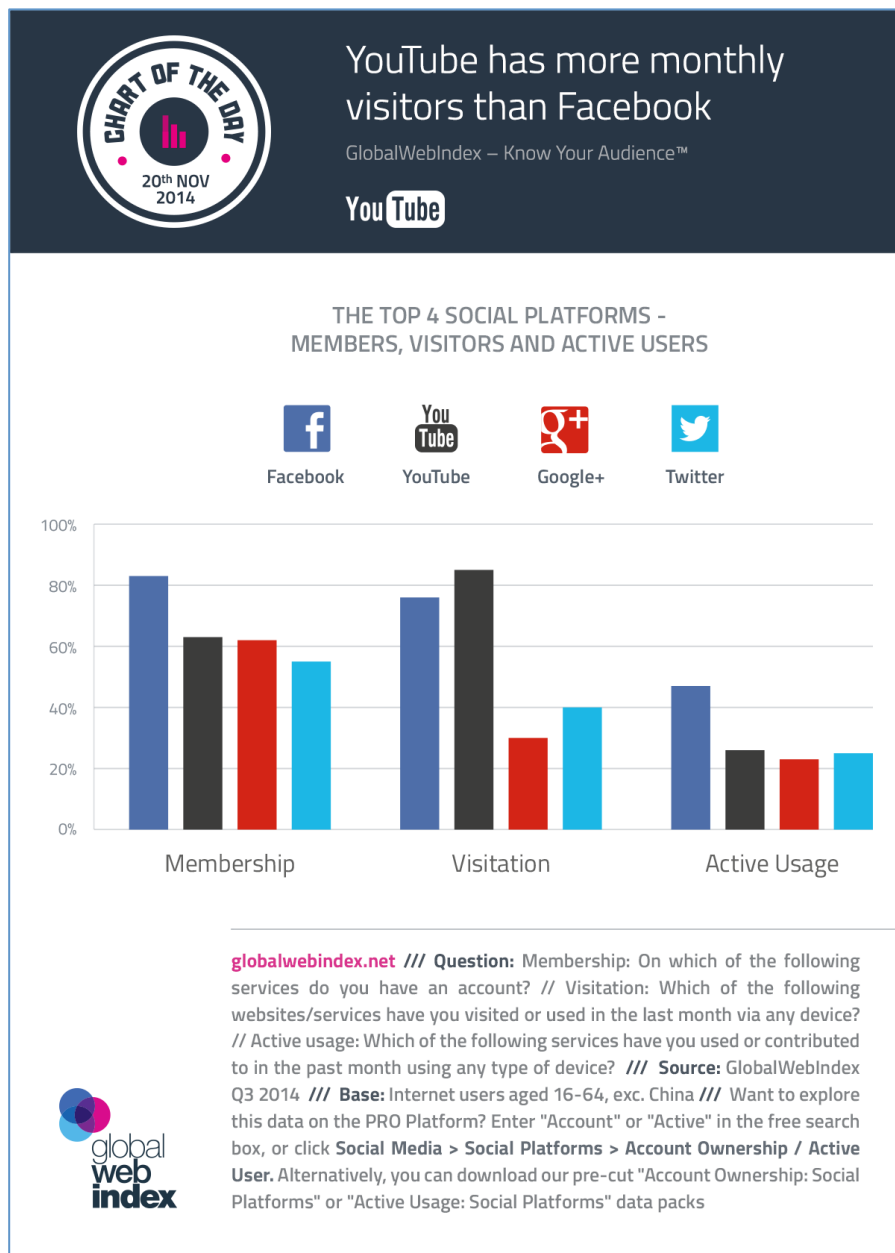
La imagen cinematográfica, que empezó disponiendo de una sala a oscuras para ella sola y fue la ilusión y el aparato terapéutico del siglo XX por excelencia, se ha visto reducida a una pequeña ventana en la pantalla del ordenador, a un flujo entre muchos otros que nos llegan por la red, a un archivo entre los otros muchos que guardamos en nuestro disco duro. (MANOVICH, 2006, p.276).

Dubois (2004) defende que o vídeo não é outro da televisão, como se fosse a estética que ela gostaria de assumir. Na verdade, Dubois aponta que é uma maneira de pensar a televisão de maneira mais autoral, com formas próprias. “Produzido e difundido fora do circuito televisual, pode investir no aprofundamento da função cultural, avançando de um lado, na experimentação da linguagem eletrônica, e buscando exprimir, de outro, as inquietações mais agudas do nosso tempo”. (Dubois, 2004, p. 10).

A plataforma *Youtube*, conforme defende os autores Mota e Pedrinho (2009) na apresentação livro *Youtube e a Revolução Digital* como o espaço que permite cada um ser a própria mídia, independente da problemática ou formato. Eles contextualizam o *Youtube* na política de cultura popular participativa, apontando questões importantes de como e por quê esse site é considerado o maior aglutinador de mídia de massa da internet no início do século 21. “(Na internet) Ao redimensionarem os valores de uma ordem já estabelecida em um mundo concreto, sensível, visível, dinâmico, numa fusão de valores e tradições, os jovens ampliam as possibilidades do olhar” (Gurgel, 2010).

Segundo a Global Web Index, o *Youtube* está entre as quatro maiores redes sociais do mundo e o seguinte gráfico aponta que o número de visitantes registrados na pesquisa de 2014 superou até mesmo o *Facebook*, rede social com o maior número de inscritos no mundo. Conforme demonstra a figura 1:

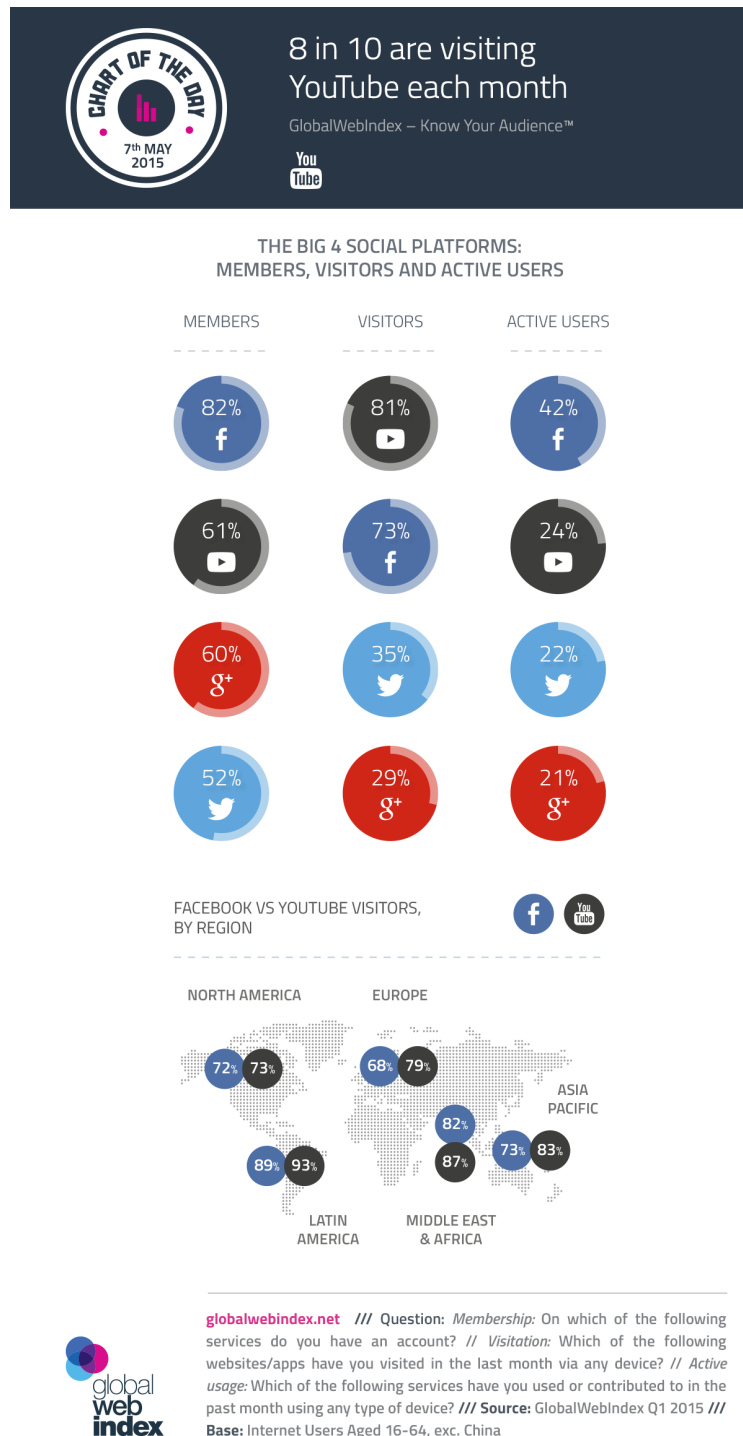
Figura 1 – *Youtube* tem mais visitantes mensais que o *Facebook*



Fonte: <https://www.globalwebindex.net/blog/youtube-visitors-vs-facebook>

A próxima figura também da Global Web Index, de 2015, demonstra que oito e cada dez usuários visitam o *Youtube* cada mês, sendo um exemplo claro da força de público e o alcance que a plataforma permite. Por isso, o canal foi pensando para essa rede social, apesar de diferir da linguagem de *vloggers*, ou vídeo *blogs*, que se caracteriza pelo posicionamento físico em frente à câmera dos autores de cada canal e com uma estética específica de edição rápida feita por cortes seguidos.

Figura 2 – Oito a cada dez usuários visitam o *Youtube* todo mês:



Fonte: <https://www.globalwebindex.net/blog/8-in-10are-visiting-youtube-each-month>

A plataforma apesar de conter diversos conteúdos empresariais adaptados à linguagem dos site, é também um espaço plural, com autonomia para agendas próprias de cada colaborador/usuário que permite quebrar uma hierarquia midiática dos grandes veículos.

Contudo, é necessário entender o funcionamento da rede, considerada participativa e com interação moderada por meio dos comentários, compartilhamentos, botões de *like* e *deslike*.

Burgess e Green (2009) defendem que o *Youtube* permite espaço para reflexão e ativismo dentro da rede social já que o site viabiliza o encontro de diferenças culturais e o desenvolvimento de audição política com crenças e identidades plurais. Por isso, Weibel (2005) também ajuda na construção dessa leitura que os ambientes, virtuais, de projeções múltiplas são cruciais para encontrar a tecnologia de produção de imagens capaz de levar até uma nova percepção do mundo.

5 DIÁRIO DE BORDO

Os meses de julho e agosto foram focados na pré-produção do canal, dedicados à seleção dos temas, identidade visual, definição da linguagem adotada nas filmagens e também na procura dos personagens para cada episódio. Como a plataforma possui uma linguagem específica de *vloggers*, essa parecia ser a escolha natural para pertencer ao meio e aderir à característica já existente, mas com a intenção de evitar qualquer tipo de apropriação de fala, optei por fazer uma nova edição nos produtos e deixar cada entrevistado ser dono do próprio depoimento.

No final da manhã do dia 7 de setembro, realizei a primeira gravação. Fui à Esplanada para gravar durante o desfile do feriado possíveis reações das pessoas ao verem um casal de meninas demonstrando afeto em público. Contudo, um desfile de governo no atual momento político era de se esperar uma manifestação dos que são contra o governo. Os ruídos dos caminhões, os gritos vazios contrários à presidenta e aquela direita tão conservadora afetaram diretamente a qualidade do áudio e também a qualidade do debate que poderia ser feito enquanto os termômetros marcavam 34 graus de intolerância política. Para não ter a saída perdida, decidi ir com o casal para rodoviária. Espaço central de Brasília, que marca o meio do avião de tantas classes sociais, políticas e culturais. Os olhares eram frequentes. “A gente se acostuma a ser observada constantemente”, disse uma das meninas. Ver pessoas apontando foi o que mais me chocou. Talvez, da mesma forma que elas, que apontaram, tenham se chocado ao ver algo tão banal quanto um beijo. Passamos quase três horas ali, circulando entre as esperas de ônibus e entrada do metrô. Cabeças que acompanhavam as meninas e, às vezes, sorriam e, outras vezes, desaprovavam. Ao retornar para Esplanada, um grupo de ciclistas passou do nosso lado e gritou “cada um pega uma, assim elas aprendem o que é bom.” Ouvir essa frase fortaleceu logo na primeira saída a importância de continuar esse projeto e falar sobre discriminações sociais.

Em setembro, gravei com dois jovens que fizeram trabalho voluntário em outro continente. Ambos brasilienses, um morador do Sudoeste e uma moradora da Asa Norte. A fala predominante dos dois foi “com tão pouco, eles ainda são felizes” enquanto lembravam com nostalgia dos dias na Ásia. Ao fim de cada entrevista, percebi carinho na fala dos dois e o choque de valores da nossa sociedade tão presa ao consumo. São jovens de classes mais privilegiadas, que puderam arcar com os custos dessa viagem, mas que perceberam por essa experiência o real valor do verbo ajudar.

Ainda em setembro, aproveitei a vinda de jovens de uma ONG nacional à Brasília para entrevistá-los. Um da Bahia e uma de São Paulo. Ambos contaram como era importante se engajar e fazer parte da mudança que eles acreditavam ser possível no mundo, principalmente na onda de conservadorismo que parece invadir a Câmara e o Senado.

Outubro foi o mês mais intenso de gravações. Entre filmagens e edições, separava algumas horas durante a semana para o memorial teórico, mas sentia a necessidade de finalizar todos os produtos para entender melhor o caminho que o projeto seguiria. Com malas feitas, fui ao Rio, entrevistei duas pessoas ativistas dentro do movimento trans. Um, com um projeto fotográfico e que entendia a cultura como função política desde o momento de criação. Outro, sendo sincero com sua identidade de gênero fluida e se vestindo como quer todos os dias, mesmo com os olhares rotineiros de descontentamento pela ruptura hétero normativa e os dados da ONG Transgender Europe que apontam o Brasil como o país que mais mata transexuais no mundo. Já a ida à São Paulo, focava nas mulheres. Inclusive, as que se tornaram mulheres. Mulheres presas, que são violentadas pelo Estado ao perderem seus direitos e dignidade e mulheres que empoderam outras mulheres ao oferecer no youtube um espaço de fala para compartilhar anseios.

O mês ainda reservou espaço para conhecer um projeto musical de Brasília que pretende falar sobre Aids, além de um militante feminista da periferia, também da capital, que acolhe artistas da comunidade de São Sebastião para repensar o papel da mulher. Essa entrevista talvez esteja entre uma das mais fortes, porque no meio depoimento, a personagem ao ser questionada sobre os dados de agressão à mulher no país disse que eles não eram reais. Perguntei “por quê?” Ela disse que tinha sido violentada, mas que naquele momento, não estava empoderada de si e não reportou o abuso, por isso o nome dela não estava nessa lista e de muitas outras mulheres que se calaram ao sofrer com nossa sociedade machista.

Novembro, o último mês de produção, trouxe alguns cancelamentos, que fizeram com que um dos episódios sobre influência dos aplicativos de relacionamento não entrasse na entrega final. Houve ainda cancelamento de uma deputada, que busquei para falar sobre representatividade da mulher na política. Contudo, em novembro, recebi a vinheta que um estúdio local produziu para o transforma, trilha para a reta final. Recebi ainda de vários amigos apoio para continuar o projeto pensando não só como um trabalho de conclusão de curso, mas também, como um espaço de voz para cada história que ouvi nos últimos meses e que a cada encontro me transformou um pouco. As entrevistas que, às vezes, duravam horas para depois se tornar minutos na edição, as noites que ficavam curtas para tanto material gravado e a ansiedade para publicar cada episódio acreditando que eles vão alcançar novos

públicos e fazer valer cada vez que disse “gravando” antes de olhar para cada pessoa em frente à minha câmera e pedir para que ela se apresentasse e, em seguida, contasse a história que a vida trouxe para ela e que agora, trouxe para mim.

CONCLUSÃO

Durante muito tempo, me questionava de que maneira o jornalismo teria contribuído para minha formação pessoal e profissional. Questionava a necessidade de ser neutro em um mundo transbordando desigualdades. Poder retomar a rotina de entrevistas e produção que uma reportagem demanda, me fez perceber um outro lado da profissão. Essa percepção pode ter vindo com um ar de otimismo, talvez por entrevistar pessoas tão engajadas e fortes, mas também embalado pelo alcance das redes sociais e a expectativa que deposito nelas, pela nova capacitação em audiovisual e pelas respostas imediatas que eu recebia após cada gravação, um incentivo ao projeto, um sugestão para o vídeo ou um abraço acompanhado de um agradecimento por ter dado voz, mesmo que só por alguns minutos.

Mudei o nome reportagem para documentário, tirei meu rosto de frente à lente e deixei a história ser protagonista. Entendi a importância que era levar para frente a fala de cada uma daquelas pessoas que aceitaram fazer parte do transform. Busquei novas cidades, novas realidades. Revi alguns valores e percebi que não só o nome do canal era esse verbo de mudança, mas que a cada processo de produção, eu também me transformava.

Conheci bairros novos, alguns que recebem o adjetivo periférico e outros estereótipos como violento, inseguro, pobre e segregado. Em São Sebastião, por exemplo, percebi que quanto mais adentrava a região, mais crianças via na rua, descalças, jogando bola, brincando de mangueira na porta de casa, subindo em bicicletas e empinando pipa. Cenário que não vejo tão frequentemente no meu bairro do plano piloto. Nesse mesmo local, entrevistei uma ativista feminina, que ao ouvir sobre o meu projeto se emocionou, contou sua experiência nas mobilizações que acreditava e ao me abraçar disse: “vamos transformar esse mundo juntos”.

No Rio de Janeiro, senti insegurança pelo equipamento, mais de uma vez, mas lembrava que me sentia responsável em levar aquelas histórias um pouco mais longe e o medo perdia lugar para o otimismo. Uma das entrevistas foi gravada em um prédio de 1829, imponente, marcado pelo tempo com alguns rachados e plantas invadindo as pedras. O ambiente histórico não deu o tom da entrevista ou fez parte do conteúdo de alguma forma, mas me lembrou da importância de olhar para o que nos cerca e acreditar na história que estamos construindo.

Em São Paulo, tive a chance de participar de uma palestra sobre ativismo digital, que muito influenciou na etapa final do projeto. Apesar de muitas falas pessimistas, os palestrantes enalteciam o digital em serviço do ativismo e afirmavam que é nesse espaço que vão vir e estão vindo as maiores mobilizações. Com tecnologia e acesso mais acessíveis o

número de usuários é crescente. Lembrei de um texto que li sobre mini revoluções em um mundo macro. A sociedade tão globalizada que atribui pouca importância as pautas íntimas e locais, mas são delas que vão surgir a necessidade inevitável de mudança das pautas macro. Perceber as histórias que nos cercam e de que maneira elas podem ser diferentes.

A comunicação está se reformulando, principalmente o jornalismo e audiovisual. Entender como acompanhar essa mudança é fundamental. Ter voz não é mais uma regalia dos grandes veículos. Eles ainda são fortes, mas é uma hierarquia em queda. Mais vozes são ouvidas, mais telas são alcançadas. As micro revoluções começam dentro de nós e para evoluir, precisamos transformar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREW, James Dudley. As principais teorias do cinema: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BURGESS, Jean. Youtube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CARVALHO, Márcia. O documentário e a prática jornalística. Revista Pj:Br: Jornalismo Brasileiro, [São Paulo], v. 7, 2006. Disponível em:
<http://www.2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaio7_d.htm>. Acesso em: 27 de outubro de 2015.

COUTINHO, Laura M. Audiovisuais: arte, técnica e linguagem. Disponível em
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/11_audiovisuais.pdf> Acesso em 26 de outubro de 2015. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

DUBOIS, P. Cinema, vídeo, Godard. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DA-RIN, Silvio. Espelho partido: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

FONSECA, Maria Tereza de Azevedo da. Realização e recepção: um exercício de leitura. In: Comunicação & Educação. São Paulo, Moderna, 1998.

GURGEL, Eloiza P. A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação. Disponível em
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000100006/
Acesso em: 5 de novembro de 2015. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

LEVIN, Tatiana. O documentário como espaço de denúncia da injustiça social e do conflito, os casos “A grande liquidação” e “Comedores de ferro”. 2012.

MARTIN-BARBERO, J. Novos regimes de visibilidade e descentramentos culturais. In: FILÉ, W. Batuques, fragmentações e fluxos. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papirus, 2007.

MANOVICH, Lev. El lenguaje de los nuevos medios de comunicación: la imagen en la era digital. Buenos Aires: Paidós, 2006.

SHAW, E. Agenda-setting and Mass Communication Theory. Gazette, International Journal for Mass Communication Studies, volume XXV, n. 2, 1979.

SODRÉ, M. Antropologia do espelho. Petrópolis: Vozes, 2002.

Pesquisa F/Nazca – 2015. <<https://medium.com/@fnazca/ativismo-digital-ea9171dd4fc5>>. Acesso em: 29 de outubro de 2015.

Gráfico 1 – Youtube has more monthly visitors than facebook.

<<https://www.globalwebindex.net/blog/youtube-visitors-vs-facebook>>. Acesso em: 5 de novembro de 2015.

Gráfico 2 - 8 in 10 are visiting Youtube each month.

<<https://www.globalwebindex.net/blog/8-in-10-are-visiting-youtube-each-month>>. Acesso em: 5 de novembro de 2015.